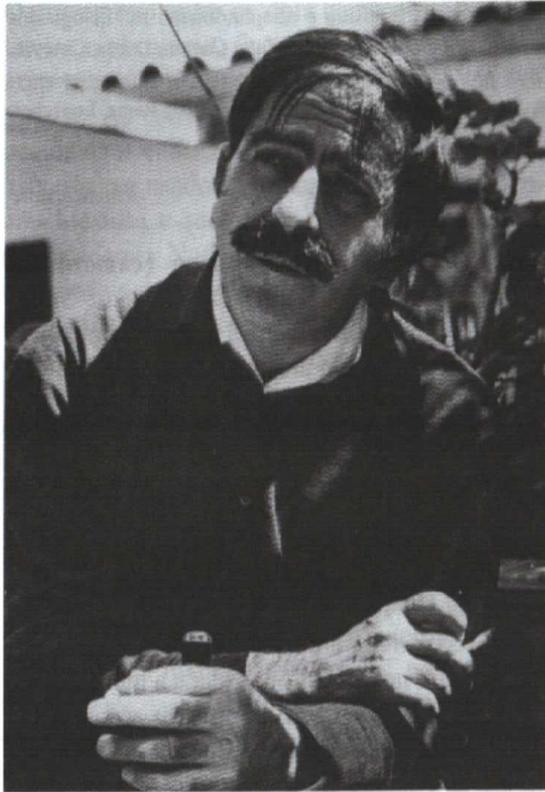


**SARAIVA, António José (camonista)** (Leiria, 1917-Lisboa, 1993). António José Saraiva nasceu em Leiria, em 31 de dezembro de 1917, tendo aí vivido até aos 15 anos, após o que se mudou para Lisboa, cidade onde viria a falecer, a 17 de março de 1993, de colapso súbito. Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nessa mesma faculdade exerceu funções docentes, tendo-se doutorado em 1943 com uma tese intitulada *Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval*. A sua carreira universitária foi, porém, interrompida por razões políticas, dada a militância no PCP, partido de cuja ideologia se acercara em resultado da influência que nele exerceu o pensamento de António Sérgio, nomeadamente a sua crítica ao situacionismo: «Com A. Sérgio tinha certas afinidades nomeadamente no que se refere à crítica da sociedade estabelecida. [...] Sérgio encaminhou muita gente (e eu próprio, sem me dar conta disso) para o marxismo» (SARAIVA 2004, p. 19). Afastado da vida académica, lecionou no ensino secundário, em Lisboa e em Viana do Castelo. O apoio que manifestou à candidatura à Presidência da República do general Norton de Matos valeu-lhe a demissão da escola pública e o posterior exílio em França, onde trabalhou como investigador no Centre National de la Recherche Scientifique, entre 1961 e 1970. Neste último ano, parte para a Holanda, onde permanecerá por um período de cinco anos como Professor Catedrático Convidado da Universidade de Amesterdão. O fim da ditadura permitiu-lhe o regresso a Portugal, em 1975, retomando a partir dessa data funções como docente universitário, primeiro na Universidade Nova de Lisboa e, a partir de 1977, novamente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa como professor catedrático de Filologia Românica.

Os 75 anos de vida de António José Saraiva foram marcados por uma profícua laboração intelectual e cívica como investigador, professor e ensaísta em áreas como a Literatura, a História, a



António José Saraiva

Filosofia, a Sociologia e a Teoria Política, entre outras. Paralelamente, manteve sempre uma intensa colaboração com jornais e revistas onde publicou centenas de artigos ao longo de mais de meio século. Para além desta atividade editorial na imprensa, é autor de uma vasta e multifacetada obra que lhe valeu a atribuição de galardões literários como o Prémio de Ensaio do Pen-Club (1991) e o Prémio Jacinto do Prado Coelho do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários (1992). Dentre as suas obras cabe destacar títulos de referência como *História da Literatura Portuguesa*, redigida em colaboração com Óscar Lopes e que conheceu dezassete edições desde que veio a público pela primeira vez em 1950; *A Cultura em Portugal, Teoria e História*, republicação, com alterações, da *História da Cultura em Portugal*, projeto a que se dedicara a partir de finais da década de 40 do século XX; *A Épica Medieval Portuguesa*; *O Discurso Engenhoso — Estudos sobre Vieira e Outros Poetas Barrocos*; *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*; *Tertúlia Ocidental*; *Poesia e Drama — Bernardim Ribeiro*. Gil Vicente. Poe-

*sias de Amigo e História da Utopia — Estudos sobre Vieira*.

Em matéria camoniana, além de artigos publicados em jornais e revistas como *Seara Nova*, *Vértice*, *Vida Mundial*, *Diário de Notícias* ou *Jornal de Letras*, postumamente republicados no volume de *Crónicas* organizado por Maria José Saraiva, sua irmã, a António José Saraiva se devem importantes estudos quer sobre a figura histórica de Luís de Camões, quer sobre a sua poesia lírica, quer ainda sobre *Os Lusíadas*, estudos esses vindos a público de forma avulsa ou compilados em volumes de maior fôlego.

As hipóteses biografistas apresentadas por António José Saraiva revelam-se fortemente influenciadas pelo apreço que lhe mereceu a obra publicada por Aquilino Ribeiro, em 1951, intitulada *Camões Fabuloso e Verdadeiro*; para Saraiva, tal obra «constituiu indubitavelmente um acontecimento nos estudos camonianos», pois desvendou uma imagem humanizada de Camões, distante da «estampa heróica tradicional» (SARAIVA 1996a, p. 117). Os seus estudos no campo biográfico baseiam-se, segundo informação do próprio, em três tipos de fontes: «memórias de contemporâneos de Camões ou de pessoas que o conheceram», «documentos oficiais relativos a Camões» e «as próprias obras do Poeta, onde se encontram algumas alusões autobiográficas, e particularmente as suas Cartas em prosa» (SARAIVA 1963, pp. 9-10). A partir da análise crítica destas três espécies de documento, para cuja possível falta de autenticidade, em certos casos, Saraiva não deixa de alertar (as suas reservas recaem principalmente sobre Faria e Sousa «em atenção ao pouco crédito que este historiador por vezes merece» — SARAIVA 1963, p. 9), o ensaísta compõe uma imagem poliforme de Camões, fazendo ressaltar sobretudo as suas contradições. O autor d'*Os Lusíadas* é apresentado como um «poeta humanista que fingia servir apenas a inspiração, mas aceitava a protecção de um senhor», ou seja, cujo «estro baixava ao nível do dos jograis que vendiam versos em troca de capas, sapatos ou comida» (SARAIVA 1963, p. 21). Saraiva vê em Camões alguém que «era demasiado fidalgo para poder governar-se como pobre; demasiado pobre para poder permitir-se maneiras de fidalgo» (SARAIVA, 1963: 23). Em aditamento enfatiza ainda a singularidade de Camões face aos restan-

tes poetas da sua geração enquanto alguém que «não se serviu do seu talento poético apenas para celebrar os grandes» (SARAIVA 1963, p. 27), empregando-o igualmente com os desvalidos da vida, talvez motivado por um certo sentimento de irmandade relativamente aos que, como ele, conheceram a «miséria escura e gelada». Em síntese, para António José Saraiva, «Camões foi [...] um cavaleiro-humanista, duas coisas perfeitamente inconciliáveis» (SARAIVA 1996a, p. 122).

É também sob o signo da originalidade e de um certo polemismo que Saraiva orienta os seus estudos sobre a lírica e sobre a épica camonianas. No que concerne os trabalhos sobre a epopeia, género a que dedicou múltiplos ensaios, alguns posteriormente coligidos em volume sob o título *Estudos sobre a Arte d'Os Lusíadas*, as suas teses tomam corpo a partir da ideia de base de que no poema camoniano há «uma justaposição do ideal cavaleiresco e do ideal humanista» (SARAIVA 1996b, p. 56). O primeiro far-se-ia visível no tratamento dado por Camões aos *topoi* da matéria épica elaborados à sombra da ideologia oficial dominante: a motivação religiosa subjacente aos Descobrimentos; o ideal de cruzada que os justifica; o destino providencial dos Portugueses comandados por figuras de heróis algo frustes nas quais Saraiva não encontra suficiente autenticidade nem autonomia diegética. O ideal humanista, por seu lado, evidenciar-se-ia não só na independência revelada pelo poeta «em relação aos feitos épicos de que se faz cantor» (o que lhe permitiu criticar as motivações «vãs e cobiçosas» subjacentes às expedições marítimas e exaltar a «superioridade das letras sobre as armas» — SARAIVA 1996b, p. 58), mas sobretudo na demonstração de «confiança no destino humano». Neste particular, o ensaísta defende que é através da fábula mitológica que Camões dá expressão ao «ideal renascentista do triunfo do homem sobre a Natureza e a ignorância Humana» (SARAIVA 1996a, p. 124), sendo ainda na ação atribuída aos deuses que vê residir «o verdadeiro enredo do poema», pois, para Saraiva, «se n'Os Lusíadas suprimissemos a fábula mitológica, só restariam fragmentos de crónica rimada» (SARAIVA 1996a, p. 124).

Em relação à poesia lírica de Camões, Saraiva explora sobretudo as potencialidades hermenêuticas de uma leitura que não escamoteie as suas contradições intrínsecas, resultantes do

«doloroso desajustamento entre a experiência vivida e os esquemas platónico-cristãos em que o Poeta foi educado» (SARAIVA 1996a, p. 127). Tais contradições manifestam-se quer a nível do «estilo» quer em termos da «visão filosófica do mundo» atribuíveis ao autor das *Rimas*.

Em matéria de «estilo camoniano», António José Saraiva encontra-o múltiplo e muito diverso entre si: a um registo coloquial, quotidiano, realista e inovador para o seu tempo, usado sobretudo nas Cartas e nos Autos, mas não totalmente ausente dos versos em medida velha, opor-se-iam o «estilo engenhoso de raiz tradicional e o estilo clássico» (SARAIVA 1963, p. 47). O primeiro é característico dos textos curtos tanto em redondilha como em medida nova; o segundo encontra-se predominantemente em composições «vasadas no amplo molde do decassilabo italiano» (SARAIVA 1963, p. 59), mormente nas pertencentes a subgéneros líricos recuperados da tradição literária greco-latina. O estilo engenhoso revela-se em exercícios dialéticos de análise de conceitos, os quais redundam por vezes em composições de «pura linha geométrica» (SARAIVA 1963, p. 47). As palavras não são entendidas como simples veículos de transmissão de ideias, mas valorizadas na sua própria substância, consistindo o trabalho poético na exploração das virtualidades que lhes são inerentes. Subjacente ao estilo engenhoso de Camões encontra-se, na perspetiva apontada por Saraiva, o seu platonismo que «é mais do que uma doutrina aprendida: é uma estrutura mental, é um processo de encadeamento de conceitos, é uma linguagem» (SARAIVA 1963, p. 58). No plano oposto ao «estilo engenhoso», situa o autor o «estilo clássico», pois se no primeiro caso «é das palavras que nasce a construção mental» (SARAIVA 1963, p. 63), no segundo elas são utilizadas para «cingir uma realidade sensorial» que lhes é exterior, «imitando-a quanto é possível» (SARAIVA 1963, p. 59).

Conexo com este dualismo estilístico, António José Saraiva apresenta o problema da «natureza contraditória da poesia de Camões», nomeadamente naquilo que concerne o tratamento dado ao tema do amor. Para o ensaísta, se, por um lado, é inegável que essa poesia repete os esquemas vulgarizados por Petrarca e que consistem, muito resumidamente, na imutabilidade do sentimento amoroso irrealizável, no encarecimento da beleza

sobrenatural da amada e na aceitação da sua superioridade em relação ao poeta porquanto encarna um ideal de Perfeição inalcançável, não é menos certo que «reduzir o objecto feminino de Camões a Laura ou Beatriz seria amputar gravemente a poesia camoniana, e mais do que isso: desconhecer aquilo que ela tem de essencial e de característico, aquilo em que ela é de Camões e não de Petrarca» (SARAIVA 2004, p. 175). Em desalinhamento com a constância do modelo petrarquista enformado «por uma concepção hierárquica em que a base é a existência material e o vértice o puro espírito» (SARAIVA 1963, p. 98), na poesia camoniana aparece frequentemente a figura de Vénus como afirmação e enobrecimento do sensível e do terrestre. A tensão entre estas duas formas de vivenciar a experiência amorosa nunca é passível de síntese, o que transparece na angústia que perpassa em toda a lírica, a qual «faz a originalidade de Camões em face de Petrarca, e em que consiste a sua modernidade» (SARAIVA 2004, p. 176).

A atenção que António José Saraiva dedicou à investigação histórico-literária em torno da figura e da obra de Camões, pela sua riqueza e profundidade aliadas a uma capacidade crítica e a uma originalidade invulgares, constituiu um contributo ímpar para os estudos camonianos, sendo a sua obra uma referência-chave neste domínio.

*António José*  
BIBL.: SARAIVA, José António, *Camões*, Lisboa, Jornal do Fôro, 1963; id., *Para a História da Cultura em Portugal*, vol. II-Parte I, Lisboa, Ed. do jornal *Público*, 1996a; id., *Iniciação na Literatura Portuguesa*, Lisboa, Ed. do jornal *Público*, 1996b; id., *Estudos sobre a Arte d'Os Lusíadas*, Lisboa, Ed. do jornal *Público*, 1996c; id., *Crónicas*, Matosinhos, Quidnovi, 2004.

*Micaela Ramon*